

## **GRUPO DE PAGODE: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO**

RÖSSLER, Maria Tereza Ferreira  
*Unisaesiano – Lins*

Este estudo pretende refletir sobre a distância entre o discurso inclusivista que assegura a todos acesso à escola e a prática observada em nossa experiência como supervisora de estágio e uma escola especial - APAE, que continua recebendo crianças com limitações na aprendizagem, encaminhadas pelas escolas regulares. O processo inclusivo questiona a metodologia e a eficácia das escolas especiais posicionando-as como espaços terapêuticos com propostas baseadas no modelo médico. Entretanto, por mais deficitária e segregadora que possa parecer a prática dessas escolas não podemos rejeitá-las ou desqualificá-las, pois a sociedade designou a elas o papel de representante legal de acolhimento dos indivíduos com necessidades especiais. Neste sentido, este estudo propõe relatar o trabalho realizado pela terapia ocupacional em uma escola especial, com a criação de um grupo musical formado por cinco alunos do sexo masculino com idade entre dezesseis e vinte e um anos, pré alfabetizados. O trabalho fundamentado no processo sócio-histórico, enfocando a mediação, é realizado por duas estagiárias do último semestre do curso de Terapia Ocupacional, três vezes por semana, durante quarenta e cinco minutos. São desenvolvidas atividades como jogos musicais, interpretação de músicas, construção de instrumentos, etc, objetivando trabalhar as funções cognitivas superiores. Como resultado observa-se a melhora do desempenho em sala de aula, da auto-estima e interação social, considerando que o grupo é solicitado para apresentações em outras entidades e eventos municipais, culminando com a composição de uma música pelo grupo. Desta forma, acreditamos que é necessário respeitar as diferenças, oportunizando recursos para a aprendizagem dos alunos, possibilitando uma participação efetiva, seja na escola regular ou na especial, com uma metodologia focada nas potencialidades. Neste sentido realizamos a intervenção através do processo de mediação, acreditando ser necessário mais coerência entre o discurso e a prática inclusiva, deixando de lado o preconceito generalizado contra as escolas especiais, possibilitando a real inclusão.